



A música gosta de Maria Rita

Maria Rita mostra seu talento, imenso, maior que a barriga grávida, durante três noites no Palácio das Artes. Que é espaço perfeito para este tipo de show. Muito bom, muito bonito, um dos melhores do Brasil. Tocar ali é tão bom quanto jogar no Mineirão, suponho. Assistir ao show também. “Imagine Belo Horizonte sem o Palácio das Artes, e você tem a imagem de mim sem você”, poderia ser um dos versos de Carlos Rennó para *A Picture of me Without You*, de Cole Porter.

O público já sabe que Maria Rita é ela mesma, e não “apenas” a filha de César e Elis. Se no início havia saudade (ou necrofilia, como Lobão achava), agora a qualidade de seu canto simplesmente se impõe. O que não descarta as inevitáveis e bem-

Estamos falando de uma bela tradição, a das grandes intérpretes de música popular, diante do microfone, a banda acompanhando, a cortina cúmplice, emprestando seu afeto quente-mudo

vindas lembranças que pairam por aí. Seu talento lembra o de Elis, sim.

Ela vai andando como é, e vai sendo como pode. No show a que assisti, domingo, menciona que César Camargo Mariano foi o arranjador da versão primeira de Wilson Simonal para *Menininha do Portão*, uma das melhores faixas de seu disco. Em outro momento recorda ao público que cresceu num ambiente de carinho em relação à música,

longe de qualquer culto à personalidade. O nome Elis Regina guardado a sete chaves em seu cofre pessoal. Por enquanto.

A música gosta de Maria Rita. Tudo que ela canta fica bom. Todos os fortes, todos os pianos, qualquer sílaba da língua portuguesa ou de qualquer língua. Quando ela canta o bolero *Dos Gardênias*, parece ter vinte anos de baile. E o cenário despojado, uma longa cortina púrpura e suas dobras, ganha significado inequívoco: estamos falando de uma bela tradição, a das grandes intérpretes de música popular, diante do microfone, a banda acompanhando, a cortina cúmplice, emprestando seu afeto quente-mudo.

Tanto no show quanto no disco, Maria Rita achou uma concepção musical de bom gosto. Traz de volta a MPB, que os imbecis de vários quadrantes juravam já ter morrido, mistura em seu repertório Milton com Rita Lee com Marcelo Camelo com vários outros, usa uma sonoridade acústica *vintage*, de piano, baixo acústico e bateria (mais percussão), mas numa onda própria, atual, enfim, mostra como ninguém o que sua geração, esta rapaziada com menos de 30, está pensando hoje.

Só senti falta daquele tempero na salada harmônica, daquela pimentinha do reino, daquelas notinhas que eu e o Celsinho Moreira curtimos.

O fado

Gosto de muitas coisas no fado, a começar pela palavra. Do fátum dos romanos ao fate dos ingleses significa oráculo, sorte, destino. Dizem que é música do navegador português, daí tanta melancolia. Dizem que pode ter nascido no Brasil. Seria, como o blues, música do desterrado. Por isso tanto destino, castigo, maldição. Música com uma certa dose de melancolia é boa mistura. Para fazer um samba com beleza, é preciso um bocado de tristeza, já dizia Vinícius. Deve ser por isso que o samba de Nelson Cavaquinho é tão bom.

Uma vez no Alfama, bairro antigo de Lisboa, fomos a uma casa de fados, “da fonte”, segundo nos informou um português. O fado é ouvido em torno do vinho, à luz de velas. Apagam-se as luzes, a conversa é suspensa, uma cantora envolta num xale entra e se apresenta durante dez ou 15 minutos. Terminado o número o bar volta ao normal. Meia hora depois tudo se repete, com outras cantoras. Enquanto elas cantam há um silêncio absoluto. É uma experiência incomparável. No acompanhamento apenas um violão e a guitarra portuguesa. As palavras cantadas brilham na penumbra, contando simples histórias das ruas, dos tipos comuns de Lisboa e de qualquer cidade, com seus desenganos de sempre. A língua portuguesa adquire uma beleza rara nestas canções, devido à qualidade de seus letristas somada à intensidade da interpretação. Palavras comuns: “fonte”, “vestido”, “barco”, “guitarra”, “muro”, parecem quase não ter existido antes.

Na saída vimos uma das cantoras, tão competente como as demais, fumando um cigarro lá fora, no beco, já sem o xale tradicional. Olhei para sua figura, agora uma menina moderna, algo ansiosa, os olhos ainda sombreados, calça jeans, parece que telefonava. Uma menina ainda nova para dar conta de uma grande tradição, uma menina de muito talento, como Maria Rita.